

# Construindo masculinidades positivas no enfrentamento ao machismo

*Renata Peixoto de Oliveira - CEEGED-UNILA*

## Resumo

Trata-se de um texto de trabalho, um material didático e instrucional que acompanha a realização de uma oficina organizada pelo CEEGED-UNILA e ministrada por esta autora. O objetivo é contextualizar a atividade, trabalhar a ideia de masculinidade em suas diferentes vertentes, frágil, tóxica ou positiva. Além disso, pretende-se demonstrar como esta questão é a base para o enfrentamento ao machismo e suas consequências como a violência sistemática contra as mulheres em sociedades patriarcais.

Palavras-chave: masculinidade; patriarcado; violência de gênero; machismo

## Introdução

Este texto foi preparado com exclusividade para o público da oficina “construindo masculinidades positivas no enfrentamento ao machismo”<sup>1</sup> oferecido pelo Comitê Executivo pela Equidade de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, no âmbito da campanha dezesseis dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher, que no Brasil, consiste em vinte e um dias, já que começa antes, no dia 20 de novembro, dia da consciência negra. Este período que se estende até o dia 10 de dezembro, comporta também uma data de extrema relevância, o dia do laço branco cuja campanha sensibiliza os homens com relação à violência de gênero sofrida pelas mulheres. A data tem origem em uma situação trágica ocorrida em 06 de dezembro de 1989, quando um aluno de um curso de engenharia entrou em sua sala de aula em Quebec no Canadá e executou todas as suas colegas mulheres por considerar o curso de engenharia um curso tradicionalmente masculino.

Essa triste experiência, assim como as mais diversas situações de violência sofrida pelas mulheres há milênios, sejam elas fruto de violência física, emocional,

---

<sup>1</sup> Realização no dia 07 de dezembro de 2020, às 18:30 horas, por via remota.

psicológica, patrimonial ou institucional, são inerentes a uma estrutura societal que coloca as mulheres em condição de subalternidade e submissão.

### **É preciso desconstruir para surgir algo positivo**

A estrutura das sociedades em nossa experiência humana, basicamente, reproduz os mesmos padrões de hierarquização que colocaram o homem no papel central, conforme alertou a filósofa Simone de Beauvoir (1908-1986), sendo assim estabelecido uma espécie de segundo sexo, não em referência a existência de dois sexos, um mais o outro, mas no sentido de ordenamento, o primeiro, e mais importante, e o segundo. Dessa forma, entende-se que as mulheres existem em função dos homens, para fins de sua plena satisfação, para seu serviço, para sua utilidade, sendo a felicidade delas, sua realização pessoal ou demandas, algo secundário, seja na esfera doméstica ou pública. As mulheres estão em segundo lugar por questões não referentes à sua natureza, mas à cultura. O que ocorre é a desvalorização sistemática das mulheres pretensamente incapazes e não evoluídas como os homens para realizarem as mais diferentes tarefas ou mesmo terem autonomia intelectual ou direito ao seu próprio corpo. Este sempre foi e ainda é um discurso de justificativa no sentido de conservar e manter uma estrutura societal que privilegie aos homens, sobretudo. A política e as instituições formais ou não formais, muitas delas vinculadas a costumes e hábitos estabelecem padrões e sentidos para o comportamento, organização e funcionamento das sociedades, e em sua grande maioria fica destacada a condição de subalternidade das mulheres e a construção de padrões rigorosos tanto para identificar quanto para diferenciar homens de mulheres.

Como isto pode se relacionar ao tema das masculinidades positivas seria um dos objetivos deste pequeno texto. Voltando a Beauvoir, a filósofa francesa ficou célebre por sua frase “não se nasce mulher, se torna mulher”. Anos após a publicação de seu livro mais conhecido, ela assumiu que mudaria ou avançaria em pontos de sua análise, principalmente, um ponto não abordado no livro “O Segundo Sexo” (1949), como o fato de que não se nasce homem, mas o indivíduo torna-se homem”. Este debate nos permite considerar um termo bastante problemático por que é mal compreendido, qual seja, a ideia de gênero em si mesma.

É fundamental percebermos que o gênero é algo performático e cultural, de modo que existem várias formas de sermos mulheres ou homens, bem como de algumas pessoas se atribuírem uma definição não binária de gênero, ou seja, não se identificarem com nenhum dos dois e se permitir transitar.

Para efeitos do tema aqui trabalhado, cabe destacar aspectos concernentes ao gênero masculino, sua construção, seus estereótipos, ou seja, a forma de ser homem, de desempenhar e performar a masculinidade. É neste ponto que percebemos a conexão entre o exercício da masculinidade e a violência contra as mulheres através de casos de violência doméstica que podem se traduzir como crimes de feminicídio.

Isto posto, é possível avançar rumo ao tema central desta atividade, como podemos contribuir ou construir masculinidades positivas no sentido de serem mais afeitas a um mundo com equidade de gênero, com respeito à diversidade, em consonância com os direitos humanos, mais justo e inclusivo para todas as pessoas, independentemente de gênero, religião, origem, orientação sexual e questões étnico-raciais?

Esta masculinidade positiva, não apenas, exerce influência na libertação das mulheres, mas também, na auto prisão imposta pelos homens a eles mesmos. O que nos levaria a identificar um tipo de masculinidade que é tóxica, negativa, condizente ao abuso nas relações, ao desrespeito e ao uso da violência. Enfrentar a masculinidade tóxica em prol de uma masculinidade positiva é passo fundamental para a construção de uma sociedade que se atente e respeite os direitos das mulheres, encontrando nos homens aliados e parceiros para a superação de uma sociedade hierarquizada por uma sociedade igualitária e equitativa. Não é preciso ser mulher para ser feminista, da mesma forma, que não é preciso pertencer à classe trabalhadora para defender seus direitos e não é preciso ser negro(a) ou indígena para apoiar estas causas, estas lutas. A masculinidade tóxica seria a base do comportamento machista que leva a ações de violação dos direitos das mulheres e do seu não reconhecimento enquanto seres humanos, pelo contrário, o machismo coloca as mulheres na posição de objetos. Dessa forma, o feminismo não combate os homens e não propõe uma inversão no sentido de as mulheres superarem e dominarem os homens, mas sim defende a supressão de qualquer tipo de forma de opressão, por uma sociedade, de fato, igualitária para todes.

Assim, é importante para obtermos avanços, entendermos e aceitarmos a situação de machismo, da violência e da opressão existentes e trabalharmos, a partir disso. Quando enfrentamos alguma enfermidade, precisamos entender o que se passa, aceitar nossa condição e adotar medidas, o mesmo vale nesta situação. É uma autoavaliação, um autoexame no qual tentamos perceber, homens e mulheres, como contribuimos para a manutenção do patriarcado ou como incentivamos em nossas ações cotidianas a superação deste sistema de opressão. Não avançaremos se não nos reconhecermos a todes, em maior ou menor medida, como promotores do machismo, sustentáculos do patriarcado e incentivadores(as) da masculinidade tóxica que começa desde a criação dos meninos e das meninas.

Qualquer atividade proposta versando sobre o tema só surte algum efeito ou faz sentido para quem a realiza, desde que seus participantes entendam e assumam estarmos vivendo em uma sociedade marcada pelo machismo e que promove a violência, em diferentes formas, contra as mulheres, de forma sistemática. O propósito é nos percebermos como promotores(as) ou incentivadores(as) do machismo, mesmo que apenas de forma permissiva. A partir disso, podemos refletir, pensar alternativas, caminhar rumo a uma desconstrução, repensando nossa visão e nossas ações. Por fim, poderemos contribuir com o nosso meio familiar, nosso círculo social, nosso ambiente de trabalho e nossa sociedade.

Percebendo esta necessidade de tratar do tema e de contribuir com a campanha dos 16 dias de ativismo, elaboramos uma oficina para nela tratar de alguns

temas que consideramos vitais. Não temos como cuidar de uma formação ampla, com debates aprofundados, mas nos entusiasmos com a possibilidade de lançar luz aos temas que serão expostos e que discorreremos aqui de maneira breve.

### **A hipermasculinidade como máscara do universo masculino**

Primeiramente, devemos salientar uma ideia crucial para entendermos a dificuldade imposta pelo patriarcado aos homens, no sentido de se mostrarem como realmente são. No caso, os homens vestem uma máscara em busca de amor, atenção e aceitação masculina porque precisam pertencer ao clube e, logo, precisam seguir regras ou seriam expulsos. A masculinidade vai sendo formada como reação e negação ao feminino e isto impõe uma certa matriz que delimita a forma de agir e pensar dos próprios homens, seja em relação as mulheres como em relação a si mesmos. Características muito naturais em crianças como alegria, cordialidade e expansividade deixam de ser valorizadas e passam a ser substituídas por uma performance da figura do macho, ou seja, uma representação aceitável socialmente. Logo, os meninos começam a se distanciar, demonstrarem pouco suas emoções e pensamentos mais íntimos, se afastarem e evitarem demonstrações de afeto. As regras de masculinidade são criadas de tal forma que os meninos passam a vestir uma máscara para esconderem suas necessidades reais, seus medos e desejos mais íntimos. O machismo se apodera de tal forma dos homens que a masculinidade em seu estágio mais tóxico e doentio leva muitos homens a por terem uma preocupação constante em agirem como homens, como se espera que os homens ajam.

As consequências disso é que passam a sofrer com a solidão e o desafio de não se mostrarem, não se revelarem, não fraquejarem e não serem vulneráveis. Isto tem efeitos perversos para seu perfil emocional e para suas relações interpessoais. Não se pode chorar, está fora de questão se apaixonar primeiro, não se pode levar desaforo para casa.

Cria-se a ideia de que existe um universo masculino a ser habitado e comandado, e este é oposto e a negação do que se considera o universo feminino que deve ser evitado ao máximo. O universo masculino passa a ser simplificado com uma série de clichés e estereótipos do que é ser homem. Geralmente, este universo está vinculado a: a) violência como linguagem e expressão; b) Bebidas e ou outras drogas para se libertar e para acolher seu sofrimento silenciado; c) Pouca capacidade de se relacionar e ter amigos verdadeiros, bem como de desenvolver relações amorosas saudáveis<sup>2</sup>; d) obsessão em demonstrar que não é gay e que se distancia de tudo que não foi considerado pertencente ao universo masculino; e) Consumo de pornografia que leva a objetificação da mulher e a falsa ideia da performance masculina, ou seja, chega-se a criar uma ficção sobre o que é a vida sexual; f) Cultura de dominação e hierarquização com estabelecimentos de códigos masculinos muito

---

<sup>2</sup> Se não tive bons exemplos de masculinidade, uma relação paterna benéfica e fui reprimido para performar o papel do macho, não consigo me relacionar bem com as minhas questões, como vou ter capacidade emocional para me relacionar com outras pessoas?

próximos a um comportamento mafioso ou de constituição de uma irmandade masculina que não deve ser traída em hipótese alguma.

Quais seriam, as consequências psicológicas e emocionais para quem estabelece padrões rígidos, tóxicos e simplistas da sua masculinidade? Como isto se torna um fato social, se expressa como um fenômeno a ser observado no conjunto da sociedade ou estabelece alguns dados importantes sobre os homens contemporâneos?

Infelizmente, ao seguirem e estabelecerem regras limitadas e rigorosas para viverem sua masculinidade os homens acabam cometendo mais suicídios que as mulheres, isto até por que os homens procuram menos atendimento psicológico que mulheres e preferem sofrer calados e sozinhos, já que nem as amigadas, em sua maioria, seriam propícias ao desabafo sincero. Os homens também recorrem mais a atos e dinâmicas violentas para se afirmarem enquanto homens e para esconderem suas frustrações e fragilidades, dessa forma percebe-se o papel da violência que faz parte da vida dos meninos desde muito cedo (armas, carros velozes, bebidas, videogames, filmes de ação). Esta cultura que engendra a violência como modus vivendi da masculinidade pode também se transpor para além dos limites da legalidade, o que explica o fato de a população carcerária, em todo o mundo ser majoritariamente masculina. Por que os homens cometem mais crimes que as mulheres? Elas também não sentem raiva, ódio e não sentem suas vidas permeadas pelas frustrações? A violência vivenciada pelos homens também resulta em mortes precoces por arma de fogo, acidentes no trânsito e uso de drogas e álcool. Os homens vivem no limiar entre a vida e a morte, flertando com o perigo e arriscando sua vida de diferentes formas. Isto por que sua masculinidade pode ser frágil, facilmente ameaçada, colocada em xeque e é preciso se posicionar, agir de forma a continuar a pertencer ao clube.

Esta violência muito próxima e considerada parte da identidade masculina acaba sendo parte de um ciclo vicioso, e, em alguns casos, no qual os homens reproduzem a violência, isto é resultado da violência sofrida na infância, seja na forma de abuso sexual, de maus tratos, alienação parental, abandono ou dificuldades nas relações familiares. Cria-se, assim, uma cultura da vingança em que o alvo, geralmente, são suas parceiras e filhos. O papel de uma criação libertadora e feminista também é fundamental para os meninos por estarem formando sua personalidade. As mudanças de comportamento começam na tenra infância. No caso de crianças, estas mudam seu comportamento e assumem o papel performático do macho alfa ao sofrer bullying na escola ou mesmo serem repreendidos pelos pais, principalmente em questões envolvendo masculinidade e sexualidade.

Outro aspecto fundamental é pensar a questão através de um viés transversal, interseccional, considerando-se gênero e raça. Quando o assunto é violência, homens negros vivem a violência de modo mais intenso pois são silenciados também em sua luta contra o racismo. Sua sobrevivência em uma sociedade racista é vista como forma de aproximação à violência. Além disso, são vistos como embrutecidos, retirados da condição humana, sofrem o preconceito de serem vistos como delinquentes em potencial. A masculinidade tóxica e frágil também

opera no sentido de manter uma estrutura que é patriarcal e racializada, colocando homens heterossexuais e brancos no ápice, e, assim, objetificando os homens gays e os homens negros, além das mulheres.

O importante é sabermos que se a masculinidade foi e é construída a partir de questões culturais, históricas, econômicas, ela pode ser desconstruída e se pautar em outros parâmetros que permitam uma convivência saudável e pacífica, levando os homens a sua autoaceitação, a se preocuparem com o seu verdadeiro bem-estar, sua saúde física e emocional de forma a contribuírem para uma sociedade com equidade de gênero e que avance quanto ao fim da violência contra as mulheres e outros grupos. Um futuro de paz, não será possível sem que os homens se desconstruam e se permitam a ser homens de outras maneiras, de uma forma em que não tenham receio de serem questionados e que não precisem representar papéis e se esconderem atrás de máscaras.

### **Algumas referências:**

#### **Artigos acadêmicos**

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 21, n. 1, p. 241-282, Apr. 2013 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso)>. access on 27 Nov. 2020.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 20, n. 3, p. 8-15, Sept. 2000 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso)>. access on 27 Nov. 2020.  
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000300003>.

#### **Sites sugeridos para consulta**

Campanha dos 16 dias de ativismo. Iniciativa ONU Mulheres  
Link: <http://www.onumulheres.org.br/16dias/>

Projeto He For She.  
Link: <https://www.heforshe.org/pt-br>

#### **Documentários sugeridos:**

ONU mulheres e PapodeHomem.**Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero.** Monstro Filmes e Questto e Nó Research. Cor.

51 minutos (2015)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LBB029RxJA0>

PapodeHomem e Instituto PdH. **O Silêncio dos Homens**. Monstro Filmes. Cor. 121 minutos. 2019.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>

Jennifer Siebel Newsom. **A máscara em que você vive**. Cor. 97 minutos. (2015)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nNX6-a9ai4k>